nheiro que ganha ao seu eleito... e outras coisas desse genero.

Ora, os discos em que se gravam taes canções correm mundo. Em Portugal, onde serão comprehendidos, ter-se-á a impressão de que aquella é a linguagem do Brasil; de que aquelles são os costumes do Brasil, terra em que ninguem sabe falar portuguez, onde se praticam feitiçarias e macumbas e onde, finalmente, vivem todos sob o regime de uma moral muito pouco recommendavel.

Isto occorre numa época em que as nossas chancellarias se esforçam, por divulgar a lingua que falamos:

E' preciso adoptar qualquer providencia no sentido de fazer cessar tanta insensatez. Não ha, infelizmente, uma policia linguistica, tarefa que se devia associar á de costume. O remedio, pois, só poderá vir pela acção dos proprios autores e interpretes dessas desbocadas canções.

Neste sentido, o Radio Club do Brasil, dirigiu-se ás suas congeneres, propondo um entendimento, afim de fazer cessar a linguagem erronea e os sentidos dubios das canções.

Todas se manifestaram favoravelmente á salutar idéa, faltando apenas encontrar um meio suave, que não acarrete prejuizo para os interessados. Esperemos que a idéa seja igualmente abraçada pelas fabricas de discos e que estas, unidas pelo mesmo proposito, aos nossos cantores, preparem uma producção artistica popular mais recommendavel e que reflicta melhor a nossa verdadeira linguagem e a nossa vida moral.

D'aqui concitamos os nossos poetas a que esqueçam de vez essa inspiração ficticia que nos deprime aos olhos dos povos civilizados.

Em vez de proseguir em tal caminho, procurem renovar a letra dessas canções, que com isso ellas subirão de valor. A musica é boa, caracteristica; agrada-nos, anima-nos com a vivacidade de seus rythmos. Para que, pois, vestil-a de uma linguagem sordida ou fazel-a o reflexo de uma sociedade de malfeitores, feiticeiros e malandros?

Julio Nogueira.

SILVA JARDIM

UM ESTUDO CRITICO FEITO PERANTE A ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Graças á vossa generosidade, Srs. Membros da Academia de Letras, completa-se hoje o ultimo laço intellectual que me prende a esta terra. Vosso Regimento Interno, arejado pela concepção politica, que agasalha como fluminenses natos os filhos do antigo municipio neutro, permittiu-me a grande alegria de disputar assento entre nós, como dos vossos membros effectivos. E tão forte é minha alegria com a honra dessa conquista, que ella me faz esquecer a grande tristeza humana do envelhecimento... Para chegar até aqui foi preciso que me confessasse ter nascido na Capital visinha antes da proclamação da Republica. E como esta já dista de 40 annos, ficou implicita a confissão de idade: — "maior de 40 annos"...

Eu ainda não me tinha apercebido disso. Via encher-se a minha memoria de uma infinidade de reminiscencias. Mas como destas, o subconsciente cauteloso reserva para si as más, só vinham ao consciente as bôas, as melhores recordações, tonificando minha alma de um soberbo optimismo, e banhando-a nos dias de hoje, das alegrias e enthusiasmos dos de hontem na mesma expansão de mocidade, ardor, enthusiasmo, confiança...

Foi preciso que a Academia Fluminense de Letras me attrahisse para a investidura nesta cadeira, para que eu attentasse na somma de tempo decorrido entre o meu nascimento e os dias actuaes e verificasse, não sem algum arrepio, que eu já tinha ultrapassado os 40 annos, attingindo um periodo de vida, que a terminologia vulgar denomina: a maturidade...

D'ahi sobrevieram-me varias reflexões. Um homem maduro deve ser um cavalheiro que a experiencia da vida sazonou. A elle não se devem mais permittir nem illusões, nem esperanças. Todas as circumstancias que se lhe apresentem na vida, devem encontral-o apto ao julgamento rapido, seguro, certo e inflexivel. Banidas devem ser, de seu vocabulario, as palavras de duvidas, como seu espirito, impulsionado pelas verdades accumuladas do passado, não deve mais conhecer inquietações...

O homem maduro não deve errar, não deve rir, não deve esperar... Tudo lhe deve ser conhecido, e nem mais essa illusão sublime, que é o amor, lhe é permittida, sem que decaia do conceito que lhe grangêa a maturidade...

Reflecti. Meditei. Apalpei-me mentalmente, e me senti tão propenso ao erro, á duvida, á inquietação, ao risco, a todas as bôas e doces illusões da vida, que estive a pontos de escrever á Academia uma carta desistindo da minha candidatura para dizer-lhe que um erro de meus assentamentos fizeram-me crer ter nascido na Capital visinha ha mais de 40 annos... O acontecimento se passára alguns vinte annos depois de proclamada a Republica.

Quando eu me tinha abeirado da mesa de trabalho e tudo e tudo era uma nevoa rosea de mocidade em torno de mim, senti approximar-se um vulto esguio, uma sombra feminina de mocidade plena, com todos os ademanes de mulher, na silhueta do busto, na elegancia do traje, nos ultimos retoques e enfeites que completam o vestuario feminino, e esse vulto se approximou, interpondo-se entre mim e o manto euphorico, que me cercava, para pronunciar uma só palavra, que me chamou á realidade:

— Papae!

A nevoa dissipou-se, como por encanto. A velha mesa de trabalho, onde ha mais de vinte annos mourejo, parecia rir-se de minha allucinação.

Minhas estantes, meus livros, o mesmo ambiente de trabalho donde tem sahido tudo, que meu cerebro tem dado, chasquearam todos de mim, naquella attestação concreta do tempo, que passa... E, de pé, junto a mim, numa eloquencia muda e alegre, a minha verdadeira certidão de idade:

— Minha primeira filha!

A desillusão não foi penosa, porque todas as penas fogem do coração humano, quando um filho apparece. Quelquesfois nons parlons, en remuant la flamme,

> de patrie et de Dieu, des poétes, de l'âme,
> qui s'éléve, en priant:
>
> L'enfant parait, adieu le ciel el la patrie
> el les poetes sainte! La grave causerie
> s'arrete en souriant!

E, sorrindo, agradeci aquella apparição de mocidade, cujos sonhos são os meus proprios... E comprehendi um pouco desse mysterio que faz do homem uma eterna criança, na communicação alegre da mocidade que o cerca, na alma, em formação, dos proprios filhos... Revive o homem a sua mocidade nesse espelho milagroso, que são os filhos cujos erros, duvidas, alegrias e enthusiasmos são para nós, paes, uma revivescencia de nós proprios cheios do orgulho de ver reproduzir-se a nosso lado o tempo que passou, e contemplar confiante aquelles que nos projectarão para o futuro, nessa eternidade, indestructivel das gerações que se succedem.

E aqui me tendes, jubiloso, apossando-me desta cadeira, sem pejo de confissão de idade e todo entregue ao immenso contentamento da vossa companhia.

A' solennidade da acolhida quizeste dar uma nota de affectividade, que muito me sensibilisa, destacando Belisario de Souza para receber-me. Se a honra seria grande, qualquer que fosse dentre vós o encarregado dessa missão, seu cunho affectivo e carinhoso a exalta para mim ouvindo, na voz amiga de um velho companheiro de vida desde o collegio secundario, as cousas excessivamente generosas com que fui saudado. O destino tem-nos trazido pela mesma rota annos continuados. Companheiros de collegio, collegas de Assembléas, collegas de representação federal do Estado do Rio, sempre nos prendeu um a outro uma sympathia que o Tempo transformou em amizade. Adversario dentro da Assembléa Legislativa, onde Belizario era o unico opposicionista ao nosso Partido, se jámais a discussão nos levou a desentendimentos pessoaes, muitas vezes estivemos no mesmo campo de idéas tanto havia de semelhança no espirito critico que a nossa formação intellectual nos dera a ambos.

Neste Estado seu nome é uma tradição de talento, de independencia, de cultura, de honradez. Sua presença nesta Academia vale como uma expressão dessas reservas intellectuaes e moraes de que é rico o Estado do Rio e que lhe asseguram nos dias de hoje o mesmo brilho dos dias passados.

Sendo por elle recebido tudo se completa em minha alegria, porque além das reminiscencias de infancia, das recordações da juventude, das evocações da vida quotidiana que me acodem ao espirito ao vel-o, tenho a impressão de que não é apenas a Academia de hoje que me recebe, sagrando-me entre os seus, mas toda uma nobre linhagem de grandes que formam o passado fluminense.

A honra que assim me concedeis se accresce com o ter esta cadeira por patrono um nome particularmente grato á terra fluminense e ao regime republicano: Silva Jardim!

Uma simples coincidencia faz com que esta solennidade tenha logar no mez de Agosto, o mesmo em que nasceu, em 1860, o grande fluminense, na cidade de Capivary que elle reveria muito mais tarde, na sua gloriosa peregrinação republicana, e que lhe despertaria emoções, que a sua penna nos permitte conhecer.

"Eis aqui o caminho da casa que foi paterna. Ha meia hora que nelle marcho. Sahi da villa onde passei parte da infancia, e vim visitar esta casa. Atravessei os corregos e os banhados pantanosos, em que as arvores são pobres de seiva, e agora penetrei neste pedaço de matta. E' manhã, cedo, e o sol levanta no horizonte os seus raios de fim de Julho, dôces, mas já quentes. O cavallo, comprehendendo-me, marcha vagaroso; e de tempo a tempo firmo-me no estribo esquerdo, pendendo para elle o corpo, e abandonando o direito na attitude do descanço, a meditar. Estou só, e não espero encontrar semblante conhecido na casa que foi paterna".

Seu berço natal o emociona assim. E sua sensibilidade delicada se exalta, a tal ponto, revendo a casa paterna, que nella não ousa entrar.

"Foi por aqui que eu passei para lá chegar, por este caminho da casa paterna, que vou visitar. E' uma peregrinação quasi religiosa esta. Vim da Barra de S. João, onde tambem orei, e depois margeei a Lagôa de Juturnahyba. Hontem vi a villa, onde ainda discursei, com o auxilio de Carlos Halfeld e de Pinto de Figueiredo, os velhos amigos; a villa onde meu pae teve a segunda escola; porque a primeira foi ali, naquelle pedaço de terra que já daqui diviso escura, na casa da fazenda primitiva que foi destruida, e que só mostra os tristes alicerces nu's.

Passei por ella, pela escola; como eram differentes os meninos! e o professor era tão outro! As ruas são sempre as mesmas; mas ha agora estação de estrada de ferro. A igreja, porém, não mudou; ao vêl-a, no alto, branca, as andorinhas a esvoaçarem-lhe em torno da cruz, com o seu pobre campanario ao lado, afigurou-se-me que o padre, já fallecido, o vigario Freitas, de physionomia intelligente e respeitavel, nobre e severo aspecto, entrava pela porta da sacristia, vestia-se, e ia ao altar dizer missa, ajudado por mim! E ainda aos meus ouvidos estavam as suas palavras, quando, voltado ao povo, nos dias de festa, coberto o altar de incenso, dizia, através dos seus oculos que brilhavam: — *Orate Fratres!* ou *Dominus Vobiscum!* — *Et cum spiritu tuo!* respondia-lhe o coro de musicos que vinham de longe juntar-se á banda local nos dias de festa.

O cemiterio é o mesmo; lá no alto repousa minha avó, mãe de minha mãe, e minha mãe outra como lhe chamava. Não tenho idéas que bem me lembrem todo o seu e o meu amor. Mas esta recordação do cemiterio leva-me a bem longe; ao alto da Consolação, em S. Paulo, onde a minha Clotilde, olhar fanado, tez marmorea, corpo de anjinho, penetrou uma tarde no seio da Terra, porqu era muito boa para os homens... Ha mortos no meu coração; mas ha vivos tambem; e a imagem dos dois rapazes, o Antonico, de olhar brilhante e vivo, moreno, sempre em movimento, e do Danton, louro, roseo, gordo e tranquillo, fazem-me o sorriso no espirito, emquanto o cavallo segue a passo, inclinado o meu corpo ao lado esquerdo, nesta attitude de repouso e de meditação.

— O' da casa! gritei á porta.

— Entre!

Não entrei. Não tive animo. Com o olhar timido lancei vista ligeira a tudo; aquelle quarto, e das minhas férias, em que a imagem della, da minha amada, me apparecia como um doce tormento chamando-me á aspiração de um nome para possuil-a; ali, o quarto materno, de minha mãe, a figura alta, magra, morena, seu cabello negro como asa de nambú, dividido ao meio, seu aspecto bom e grave, cuidando de tudo, um sorriso descuidado de coragem, um olhar de observação e de emenda; noites perdidas na dôr dos filhos doentes ou moribundos, momentos de alegria em unica paga que bem lhe bastavam... minha mãe! Tudo aqui fala della; este regato, em que a vi dirigir e mesmo fazer o serviço da rouparia; este fogão de que a vi tanto aproximar-se, e a voz severa de meu pae a dizernos a lição, e a voz infantil de minha irmã a esboçar o colloquio com a sua boneca. Não entrei. Não tive animo."

Sempre me pareceu que para propagar grandes idéas é preciso ser dotado de uma grande sensibilidade.

Os maus, os frios, os insensiveis não podem comprehender idéas collectivas, nem propagal-os, porque estes são essencialmente altruisticos e só os bons, os sensiveis, os emotivos têm capacidade para transportar para o dominio das dores e soffrimentos sociaes a sua propria emotividade.

Quem não tem pelas cousas da propria vida essa capacidade de sentir, até ás lagrimas; quem não ama o lar em que nasceu, a memoria dos que o formaram, o ambiente em que conheceu a vida, quem não tem por esse ambiente esse enternecimento commovido, que espiritualiza no afecto os seres e as cousas, — uns agentes, outros moldura da propria vida — não póde comprehender os grandes problemas abstractos que são a espiritualização social dos soffrimentos collectivos!

Silva Jardim revela em toda a sua vida essa grande capacidade de sentir, desde as emoções suaves do lar, em que viveu, até á administração do Estado, em que nasceu, num enthusiasmo que só é dado ás almas bôas e generosas. Ouça-se a sua voz, falando do Estado do Rio:

Saúdo a terra natal, esse membro do gigante brasileiro que sustenta na nossa carta o Espirito Santo, impede Minas de chegar ao mar, e estende um braço e São Paulo; cujo solo é elevado até o Pico do Itatiaya, em Rezende, ou baixo até ás lagôas; cujo clima, se é quente no littoral e humido nos baixos, já muito melhorado pela drenagem é saluberrimo nos platós; cujos rios, ferteis e numerosos, cujos lagos piscosos, e dunas saliniferas, cuja agricultura e estradas de rodagem e a vapor, prepararam um povo, já experimentado pelas lutas com a Natureza, para um grande progresso no trabalho e na liberdade. Ao entrar nessa terra, no dia redemptor da civilisação moderna, saudei-a commovido, tendo a certeza infallivel de que em breve ella derrocaria uma nova Bastilha".

Quem estuda o papel que Silva Jardim desempenhou na formação da mentalidade republicana brasileira, fica surprehendido e decepcionado com a nulla actuação que lhe coube no regime que contribuiu para fundar.

Por muito que se suspeita dos homens, não é de crêr que tenha sido apenas a maldade humana a causadora desse afastamento com que foram alheando Silva Jardim, á medida que os acontecimentos se precipitavam.

E' certo que a propaganda republicana tudo lhe deve, desde o famoso *meeting* de Santos até á peregrinação audaciosa ao Norte do paiz, no mesmo navio em que seguia o Conde d'Eu!

Mas não é difficil verificar-se de sua biographia que Silva Jardim, cheio de virtudes apreciaveis, acabara dominado pela fascinação do auditorio, amando a encenação theatral perante as multidões e embevecido por tudo quanto punha em fóco, na perspectiva popular, o seu grande nome.

Que daria um homem assim nos postos de governo?

E' da historia de todas as revoluções que as vanguardas revolucionarias têm uma simples funcção demolidora. São retaguardas que constroem e organizam.

Não devera ser assim, convenho. Os vanguardeiros, tocados pela chamma sagrada do ideal, deveriam ser os responsaveis pela pureza de sua concretização. Mas a Humanidade não conhece assim. Dir-se-ia que a evolução de uma sociedade se faz por uma resultante de forças, em que domina o bom senso médio contendo a ousadia dos precursores e arrastando as resistencias dos retrogados.

Sem duvida, dessa composição de força resulta um progresso lento. Mas o progresso é, em si mesmo, uma força de coordenação, que encaminhando a Humanidede para diante, se desfaz a estagnação, evita os sobresaltos.

Quanto mais estudo a evolução do phenomeno republicano no Brasil, mais me convenço da influencia notavel e coordenadora que nelle exerceu o positivismo.

A biographia de Silva Jardim é mais uma prova a robustecer-me essa convicção.

Filho de uma familia catholica, Silva Jardim teve sua infancia embebida de religião, a tal ponto que, em certo momento, seus paes pensavam em fazel-o padre. Ajudou missa em Capivary. Preparou-se para a carreira ecclesiastica. Disso o afastaram, por um lado, as preoccupações de buscar uma profissão, que lhe permittisse alliviar os encargos paternos, e, por outro, a sagracidade do padre, em cujo collegio estudou, que logo vio no seu discipulo as indisciplinas intellectuaes, que o incompatibilisavam para a carreira religiosa.

Estudou em Nictheroy. Foi para o Rio proseguir nos estudos. Tentou um pouco o commercio, onde se revelou desde cedo um autoritario, incapaz de subordinar-se aos erros de grammatica de seu patrão. Tentou o magisterio privado até habilitar-se ao curso de direito, que foi fazer em S. Paulo.

Sua entrada na Academia foi logo marcada por actos que o incompatibilisaram com a maioria, contra cuja prosapia investio em satyras e criticas, que lhe valeram até conflictos corporaes. Parece que o movel, a que obedecia, investindo contra os collegas, era o de pôr-se em situação de destaque. E o conseguio, pois seu nome ficou logo marcado como ponto de divisão dos academicos. Havia os seus partidarios, como os havia inimigos.

Para ter sustento, dispensando auxilio paterno, obteve collocação no magisterio privado. Por apresentação de Theophilo Dias, conheceu a familia Martins Franscisco, e por esta o Dr. Inglez de Souza, que exerceu em sua vida a mais benefica influencia, dando-lhe um logar de professor do curso annexo da Escola Normal.

Esta nomeação lhe valeu uma aggressão physica por parte de seu amigo Theophilo Dias. Tendo sido este quem indirectamente approximara Silva Jardim de Inglez de Souza, com as relações que lhe proporcionára com a familia Martim Francisco, vio Theophilo Dias naquella nomeação uma preferencia. Cortou relações com a familia Martim Francisco e aggredio, na rua, physicamente o seu amigo Siva Jardim.

Este reagio. Theophilo Dias fugio. E Silva Jardim o processou. Mais tarde, ligados amos á familia de Martim Francisco, por terem desposado filhas do grande politico — acabaram por fazerem as pazes.

O magisterio privado, o magisteio official, a tribuna de imprensa, foram dando a Silva Jardim um grande dominio da palavra.

Teixeira Mendes e Miguel Lemos foram a S. Paulo fazer propaganda do positivismo.

Duas consequencias notaveis, no espirito de Silva Jardim: — mostra-lhe a efficacia da propaganda oral, attrahir-lhe a attenção para a philosophia positiva.

Desejando corrigir as falhas de seus estudos secundarios, procurou fazer uma leitura systematisada e organisar em melhor fórma os seus conhecimentos. Seus trabalhos na Escola Normal o levaram a conhecer um methodo padagogico cheio de promessas: — o da cartilha maternal de João de Deus.

Seu enthusiasmo o levou a propagal-o, mesmo fóra de S. Paulo. No Espirito Santo onde, nesse objectivo, foi fazer conferencias, seu exito foi enorme, quer como pedagogo, quer como orador.

Nesse momento tinha já Siva Jardim francamente adherido ao positivismo.

Por essa occasião da sua vida, esteve Silva Jardim para deixar S. Paulo e seguir para Sergipe, acompanhando o Dr. Inglez de Souza, que fóra nomeado Governador daquella provincia. Sua amisade ao Dr. Inglez de Souza era immensa. Como acabamos de vêr tudo lhe devia elle de amparo nos primeiros passos da vida jornalistica e até na collocação que obteve como secretario e professor da Escola Normal. O Dr. Inglez de Souza, que o estimava, convidara-o para seu secretario na provincia. Um dilemma, porém, se apresentava ao espirito de Silva Jardim. Se acceitasse o convite, para um cargo de confiança politica, quebrava a linha de conducta que a si proprio traçára com a acceitação da philosophia positivista, que o levava ás tendencias republicanas. Se recusasse, magoava o seu grande protector e amigo, a quem nada podia negar.

Consultou seus companheiros do centro positivista, e estes se pronunciaram pela recusa.

Seguiu o Dr. Inglez de Souza para a governança de Sergipe, mas não foi longa a sua permanencia alli. O Sr. José Leão, na excellente biographia de Silva Jardim, conta que a pressão politica foi tal contra a rectidão do Governador, que este em pouco teve de sahir incompatibilisado com os politicos...

Um candidato, para fazer-se passar por *candidato official*, queria visitar os seus eleitores montado no cavallo de sella pertencente ao Governador.

Por onde se vê, que *candidatos officiaes* sempre os houve no Brasil e que a politicalha influente de todos os tempos, se hoje consegue derrubar funccionarios, no tempo do Imperio punha abaixo até Governadores!...

A evolução do espirito de Silva Jardim se fez, pois, do catholicismo ao positivismo e deste á Republica. No positivismo passou elle por duas phases nitidas nos seus resultados, embora frustas nos seus limites. Na primeira, como todo néophyto, foi o sectario orthodoxo e obediente. O episodio que acabamos de narrar mostra a sua subordinação completa á seita, mesmo em factos de sua vida privada. Não acceitou a commissão de confiança que lhe dava Inglez de Souza, porque seus correligionarios viam nisso uma transigencia com o regimen monarchico, que o positivismo combatia doutrinariamente.

E' desse periodo sua concepção acanhada sobre a funcção social da mulher.

Em uma carta dirigida a seu pae, discutindo a possibilidade de vir uma de suas irmãs tentar a carreira do magisterio em S. Paulo, escrevia Silva Jardim:

"Quanto ao primeiro ponto, o futuro material de uma mulher deve, conforme já disse e a experiencia o mostra, ficar sempre a cargo dos homens".

E, mais adiante, insiste:

"O essencial seria para garantir a subsistencia das mulheres da familia que, conservando nós sempre nossos empregos (salvo mudança para melhor) ,preparassemos os outros homens para em tempo serem-lhes uteis".

Entretanto, quando em certa occasião, numa phase agitadissima da propaganda republicana, Silva Jardim foi a Minas e esteve quasi a ser assassinado pelos negros libertos, cuja ingenuidade o Sr. João Alfredo explorava contra os republicanos, a conducta das mulheres mineiras foi tão nobre, que o grande propagandista fluminense não poude deixar de proclamar-lhes a sublimidade: —

"Estavamos no banquete, quando a casa começou a ser apedrejada. Um dos nossos, que chega á janela, vê um padre a ajuntar pedras na batina e entregal-as a alguns homens. Santo destino da veste sacerdotal! Tinham convencido a alguns italianos que deviam voltar-se contra nós, porque a imperatriz era sua patricia, e esses homens atiravam os projectis, que chegavam ás vidraças de um quarto andar de uma casa de grande altura.

Era um ruido medonho. Fecham-se as portas. Trocam-se tiros. Acalmo as senhoras.

— Aqui só ha esperar, digo eu.

Fogo! fogo! gritam. Estavam incendiando a casa.

— Façam fogo! digo eu. E afastámos o miseravel incendiario a tiros, que lhe cahem do alto da janela e que por milagre erram o alvo.

A's tres da madrugada, velavamos, quando batem á porta.

— Quem é?

— Amigo. Previnam o Dr. Jardim de que vão impôr-lhe a retirada da cidade já. Acho prudente que saia; do contrario, matam-no.

—Diga que venham buscar-me, grito indignado, que os receberei no alto da escada. Ainda temos balas nos revólvers. Armemo-nos todos, senhores.

Que! haviam de impedir-me até o direito de locomoção!

Nesse momento chamam-nos dos fundos da casa.

— O que é?

— Armas! gritam.

Eram senhoras que nos forneciam revolvers.

Sublime! Foi em Minas e em Pernambuco que encontrei as mulheres brasileiras mais corajosas."

E' bem de vêr que se as mulheres mineiras e pernambucanas se limitassem ao papel que Silva Jardim lhes traçava na vida social quando affirmava que "a mulher nasceu para a familia e não para o Estado" — não lhe teria sido dado apreciar o enthusiasmo civico da mulher brasileira na campanha revolucionaria republicana.

Foi nessa phase de seu positivismo que seu espirito sublimou-se na admiração pela França, cuja intensidade de vida espiritual lhe arrancaria o tremendo confronto com os Estados Unidos:

"A França não chegou ainda ao progresso que se póde esperar della, mas seu passado, ora imprevidente, ora fecundo, sempre generoso, é a melhor garantia de seu futuro: a historia, nossa mestra, como diz Vieira, nol-o mostra como o centro e o pharol de nosso Planeta e da Humanidade que o habita.

Qual o progresso dos Estados Unidos? Progresso material, de estradas de ferro e telegraphos, semelhantes á do ente que se julga feliz por ter boa roupa e boa mesa! Progresso intellectual, onde? No paiz em que mais vendem-se cartas de doutores, sómente porque ha muitas escolas, em que se aprende para ganhar dinheiro? E qual o progresso moral dessa nação? Politicamente, ainda maior curupção eleitoral e governamental que no nosso: socialmente, sem familia nem religião, como já tive occasião de referir em outro logar. Se a França nos tem dado o espectaculo das grandes loucuras, são as loucuras generosas que inspiram compaixão: não as da agiotagem, do mercantilismo, que inspiram aversão".

Por onde se póde concluir que se o grande fluminense não tivesse sido escurraçado dos postos de governo, sua influencia na Constituinte ter-se-ia feito num sentido, por certo, antagonico ao que ahi dominou e de que resultou a nova Constituição, tão elevada de influencia da norte-americana.

Toda a formação intellectual de Silva Jardim se fez nessa admiração constante á França, que o leva a interessantes approximações:

"E a Revolução Brasileira deve estalar pujante e victoriosa em torno dos paços ministeriaes e do palacio de S. Christovão no anno de 1889. Não além, quem sabe se não seremos perdidos?! O castello fluminense deve cahir no anno excepcional em que cahio no pó dos tempos a fortaleza de Paris!

Não além! Para nós, como para toda a humanidade, este anno solenne é do bom agouro para a liberdade. Não sei que espirito tal de ligação existe entre o grande povo central e o nosso povo extraordinario, a minha patria amada, que estou certo será a presidente da America e em breve o refugio dos sedentos de justiça, se não o berço, a residencia augusta da liberdade no mundo!

Ao 1789 francez mostramos que eram já nossos tambem os resultados do progresso occidental, e apresentámos a Republica que auroreava a cabeça de Tiradentes em bemdito holocausto; ao 1830 na revolução de Julho, offerecemos banimento do despota e do devasso, e o baquear da tyrannia; ao 1848, com Luiz Felippe! — o avô do expatriado! — o corpo de Nunes Machado banhado em sangue perante os muros da Veneza Columbiana; ao 1870, ascensão da republica e queda do mesquinho descendente do despota maldito, o reerguer-se do partido republicano; oh! povo francez, que á explosão da luz do centenario de tua Revolução adorada, instituas a tua paz inabalavel na Europa; oh nação brasileira! que essa paz bemdita respondas com a ultima de tuas guerras: a guerra aos teus assassinos, a guerra ao teu throno, rebente a tua revolução, e instituas e proclames a Republica!"

Silva Jardim, já eu o disse ha pouco, não se deixou seduzir pelo ideal republicano por puro impressionismo. Foi até lá como consequencia da cultura philosophica, a que se entregou com affinco, logo após as primeiras investidas pelo campo da critica.

Ao começo, suas idéas, hesitavam em torno dos problemas que constituiam programmas do partido liberal. A campanha abolicionista constituio para muitos espiritos sequiosos de renovação um derivativo que os satisfazia, sem leval-os ao ideal republicano.

Silva Jardim fez uma evolução logica e raciocinada do catholicismo conservador de sua infancia, ao abolicionismo, ao positivismo, ao republicanismo.

Temperamento essencialmente vibratil, quando se sentiu dominado pela idéa de republica, não se limitou á classica pregação escripta dos precursores da propaganda.

"O nosso paiz é de analphabetos" — dizia elle. "A palavra escripta tem uma acção muito limitada. E' preciso falar para ser comprehendido."

Foi o pequeno incidente da Camara Municipal de S. Borja, no Rio Grande do Sul, que lhe deu opportunidade de experimentar a força maravilhosa de sua palavra.

E' curioso observar como os pequenos factos podem muitas vezes, transformar-se em grandes factores. Essa moção da Camara de S. Borja, concitando as demais Camaras do paiz a uma consulta ao povo brasileiro sobre a conveniencia de impedir-se o 3° reinado, pela proclamação da Republica, foi tida, em começo, como um acto grotesco. Mas taes foram as violencias commettidas pelo Poder Central contra a municipalidade em questão, que a onda de protestos se avolumou no paiz inteiro, com uma repercussão que jamais poderia ter sido prevista.

A Silva Jardim, então em Santos, occorreu fazer um *meeting* de solidariedade com a Camara de S. Borja. Foi um successo formidavel. Tão grande que lhe deu a convicção da necessidade de utilisar o admiravel methodo, dilatando-o para a propagação do ideal de Republica. E dahi nasceu a phase intensa das conferencias em todo o S. Paulo e depois em todo o Brasil.

A velha guarda republicana, que se mantinha em attitude inactiva, deixou-se enthusiasmar pelo exemplo. E assim se deveu á temeridade de Silva Jardim todo esse periodo de intensa doutrinação republicana, que precipitou o advento do novo regime.

Com taes credenciaes, com tal somma de serviços, Silva Jardim devera ter tido outra situação na Republica.

Por que não a teve?

E' uma das cousas que mais impressionam quem estuda a formação de nossa Republica, esse abandono em que ficou Silva Jardim.

Seria só inveja dos demais?

Eu, por mim, attribuo esse abandono ao caracter indisciplinado e sensivelmente vaidoso do grande propagandista.

Se não, vejamos.

Quando Silva Jardim começou a fazer a propaganda oral da Republica, já havia um Partido Republicano. Silva Jardim agio por si só, e ás vezes, com condemnação do partido. A' medida que seu exito crescia, mais forte se sentia em seu isolamento de acção. As cousas, que dizia, nem sempre eram pautadas na prudencia da philosophia, que adoptara. Em certa vez chegou a pregar em Campinas o assassinato do Conde d'Eu. Seus discursos, feitos para a grande massa, com periodos infindaveis, com imagens gongoricas, eram tremendos libellos contra o principe consorte e contra a propria princeza herdeira do throno.

As imagens e o vocabulario eram de violencia e a palavra "revolução" voltava frequentemente, nos seus arroubos. Os chefes do positivismo tentaram chamal-o á ordem. Foi peor. Desligou-se da seita e proseguiu na violencia de linguagem.

Publicamente admoestado por Miguel Lemos, em nada modificou a sua propaganda, que recrudesceu de veemencia.

Já eram signaes de insubordinação philosophica e de indisciplina partidaria. Esta mais se pronunciara quando o Sr. Quintino Bocayuva foi eleito chefe official do Partido Republicano. Silva Jardim, já então popular em todo o Brasil, avaliando mal o seu prestigio e suppondo-o muito maior que o real, protestou em termos energicos contra essa investidura, já quanto á forma, em que ella se déra, já quanto ao nome do escolhido.

Vale a pena citar alguns trechos do manifesto em que dava as razões do seu protesto.

As razões que determinaram este meu acto são de ordem tal, que obrigam-me mesmo, mais que a independer da acção qualquer do pretenso chefe, — a negar-lhe radical e completamente o meu concurso á sua obra politica.

Primeiro, não o julgo legitimamente investido da autoridade suprema do partido, já pela constituição do supposto Congresso, onde provincias houve que não foram representadas, onde a representação das que compareceram foi diminutissima no todo e em parte (no qual, direi de passagem, abstive-me de votar), já pelo seu acto principal de reforma da lei organica do nosso agrupamento politico, sem poderes especiaes para tal, já pela sua reunião, effectuada illegalmente em São Paulo, já pela reserva inutil que guardou — falseado o regime republicano de fiscalização de discussão publica, falseada o regime representativo, — para que se désse a dictadura de um pequeno grupo paulista, não concorde com o mesmo partido, como o futuro o demonstrará e os protestos oriundos de São Paulo o revelam.

Segundo, descubro na sua eleição, o que eu sentia de longos mezes; — uma conspiração de alguns velhos elementos do Partido Republicano gastos para a acção patriotica, e sómente capazes da intriga para a cobiça do poder, — alliada á falta de comprehensão da situação historica actual, com o pretencioso fito de paralyzar a agitação republicana; — por meio dos perigos que ella continuasse a trazer; — pela incerteza do gozo do poder, e pela aspiração mesquinha das posições que possa dar um eleitorado republicano dentro do regime monarchico; — e ainda, o que tem mais importancia do que pudera parecer, attenta a utilização dos homens para o serviço politico, pelo receio do predominio moral dos novos elementos republicanos em acção, — o que está na consciencia publica — e que obrigou mesmo a certa reserva a antigos e eminentes batalhadores, e especialmente ao de mais merito que os guiava, porque uns e outros tinham a franqueza de falar a verdade ao seu partido e aos suppostos chefes do seu partido.

Terceiro, penso que o Partido Republicano, sob pena de covardia, deve, ao menos, não recuar da actual phase de agitação politica em que, por vezes, não cedeu, mesmo diante das armas, repetindo solennemente e realizando com coragem os compromissos dos seus manifestos anteriores, principalmente os do manifesto paulista de 24 de Maio do anno passado, — comprometteu-se a combater o terceiro reinado em todos os terrenos; — e o Sr. Quintino Bocayuva não tem, nem deseja, ao menos, ter, um tal projecto como se vê do seu discurso em S. Paulo, em que erradamente se acastellou no terreno da theoria da evolução, que jámais foi ensinada para justificar a fraqueza — nem possue no terreno material os habitos de bravura pessoal no arrostar o poder, affeito á submissão á força regular ou irregularmente armada, e á submissão força do capital, pelo modo fatalmente dependente por que exerce a sua profissão.

Quarto, entendendo que, para honra do Partido Republicano Brasileiro, e para que forme seus creditos de capacidade politica directora, tão abalados pela incompetencia e impericia de muitos dos seus chefes, elle tem o dever de formular o programma a realizar no governo republicano, quando este lhe seja commettido; — e o Sr. Quintino Bocayuva não reune as condições de habilitação para tal, já por ausencia de educação intellectual apropriada, o que o seu manifesto evidencia, já por uma educação civica inteiramente feita dentro do regime monarchico.

Quinto, e principalmente, porque, conservando o solido principio fundamental do Partido Republicano, e as suas gloriosas tradições guerreiras e pacificas, já é tempo de dar-lhe uma melhor direcção politica, mais scientifica e mais patriotica, quando á doutrinação e processos, direcção não vasada unicamente nos moldes democraticos, que o confundiram no passado com o partido liberal e no presente revelam o perigo de fazel-o absorvido por esse partido, o que obriga aos republicanos a não acceitarem o modo por que, por falta de estudo conveniente, o Sr. Quintino Bocayuva concebe a republica; modo vago, esteril, anarchico, atrazado e utopico, segundo a cerebração já retrograda de 1870, e pois perigoso na sua applicação ao nosso paiz, quando nas nações, onde tal regime se realizou, partidos em massa pedem a sua reforma".

Allude ainda Silva Jardim a outras circumstancias doutrinarias, para terminar, falando de si proprio, numa expansão, que bem define o seu estado de espirito, após o exito de sua oratoria popular:

"Nem faz mais com isto que cumprir um dever para com sua Patria, quem tem sacrificado a commodidade de sua pessoa, de sua familia, gozos e socego do lar, pequenos elementos de fortuna, — que tem posto em risco sua mesma vida e liberdade, em bem da liberdade e da vida da Patria, — e que não recebeu apoio das multidões, animação dos homens serios de seu partido, nem tomou compromissos solennes, para depol-os fraco e resignado perante quaesquer influencias alheias á marcha da politica republicana, ou abatido e vencido, diante das ameaças barbaras do poder publico. Ainda quando sua voz fosse a unica — que não é — ella seria patriotica, e pois seria honrada pela Posteridade, como um digno protesto na historia do Partido Republicano. E, se não fôr patriotica, que o publico a julgue e a Posteridade a castigue. O certo é que jámais essa voz será cumplice do que suppõe um ataque, consciente ou não, aos sagrados interesses da Patria, — e olhando o futuro brasileiro, no alto posto em que o publico a collocou, ella continuará a ser, — espera-o, a voz da consciencia nacional, cada vez mais revoltada contra uma monarchia infame, que, quando não corrompe pelo dinheiro e pelas posições, corrompe pelo cansaço e pelo terror".

Bem se justifica ahi o perfil moral que delle traçou o Sr. Felisbello Freire, dizendo: "Espirito rebelde, intransigente, autoritario e insubordinado, poz á causa da Republica toda a sua actividade, todo seu concurso. Pouco affeito ás difficuldades da organização, para que não se sentia com as condições precisas, era, entretanto, um homem feito e talhado para a propaganda. Podemos mesmo dizer — della é a figura mais proeminente".

As incompatibilidades que foi criando em torno de si, foram de tal natureza que, quando veio a conhecer Benjamim Constant, este, embora elogiando-lhe a bravura com que agia, não deixou de accentuar como lho tinham pintado: "Dizem-me que o Sr. é muito sanguinario".

Tanto quanto a distancia permite julgar, foi, menos por maldade, do que por precaução, que os republicanos lhe occultaram até o ultimo momento o golpe que pretendiam dar a 15 de Novembro. Temiam seu animo irrequieto, seu temperamento fogoso. E é tão certo que o exito dependia só de astucia, que não ha a menor duvida que um temperamento ardoroso, como o de Silva Jardim, capaz de precipitar a luz sobre as verdadeiras intenções dos que foram arrancar de casa o Marechal Deodoro, "para derrubar o gabinete" — teria feito abortar o movimento.

Silva Jardim veio a saber da proclamação do Campo de Sant'Anna, como qualquer cidadão. Não deu mostras de molestar-se com isso. Ainda foi prestar serviços, porque foi com José do Patrocinio para o Paço Municipal consolidar a proclamação e agitar o Povo.

Vencedora a revolução começou a onda do adhesismo. Ahi é que se pode censurar a attitude dos dominadores. Só um homem parece ter pensado em Silva Jardim: o Sr. Demetrio Ribeiro, e, talvez, um pouco, o proprio Benjamin Constant.

Mas não tiveram força para impol-o nem á camarilha militar que cercava Deodoro, nem ao grupo paulista, que dera prestigio ao Sr. Quintino Bocayuva.

Silva Jardim, o homem da praça publica, continuava a desapercebido das coisas, recebendo como verdades essas explosões tão frequentes da popularidade, mas tão pouco ponderaveis como expressão pratica.

Levantavam sua candidatura á Constituinte em varios Estados e elle não concentrava seu objectivo em nenhum. Talvez lhe afagasse a vaidade a idéa de ser eleito ao mesmo tempo por varios. Acabou perdendo a possibilidade até de ser eleito pelo seu proprio estado natal, triste depoimento da fraqueza do Sr. Portella, a quem a Posteridade jámais perdoará a inconsciencia dessa exclusão, menos infamante para o excluido do que para a representação com que o Estado do Rio compareceu á Constituinte Republicana.

Só diante dessa brutal realidade é que Silva Jardim se convenceu de sua proscripção. Resolve então ausentar-se do paiz, para estudar, conhecer mundo, adquirir outros horizontes.

Um amigo generoso lhe mantem recursos no estranjeiro.

Sua curiosidade o leva á Italia, á visita do Vesuvio, á excursão até o alto, e ao seu desapparecimento numa larga fenda, que inesperadamente se abriu a seus pés.

A lenda se estabeleceu de um suicidio. A verdade historica o desmente. Desmente-o ainda tudo de sua psycologia, que, por vezes fatalista, confia, entretanto, na acção dynamica e plasmadora que o homem exerce no seu meio.

Que é o homem? Que é um homem?" — pergunta Silva Jardim. E elle mesmo responde: "Uma força feita pelos outros, mas que começa por adiantar de si mesmo metade desse capital e que produz, assim, outras forças, até a força popular. O homem é agente e paciente na Humanidade. Productor e producção das obras do Grande Ente."

Triste e lamentavel o desastre de sua morte. O contacto com os velhos paizes europeus, o conhecimento de outros povos, a contemplação de outros ambientes, a verificação da infinita variedade das grandezas humanas, teriam, por certo, corrigido os excessos desse temperamento autoritario e inadaptavel, ao mesmo tempo que cultivado seu espirito num sentido constructor, de que beneficiaria sua actuação politica.

Seu nome ficará eternamente firmado na formação do regime republicano. O solo fluminense foi generoso em homens para a implantação da Republica. O de Silva Jardim deve ser posto num destaque especial, porque deu de si tudo á Republica, com ardor, com enthusiasmo, com alma, e da Republica só poude ter a admiração dos posteros....

E' a esta que eu vos convido num dia como o de hoje, em que seu nome se evoca entre flores. Sentando-me nesta cadeira, que o tem por patrono, é no meu coração que o fixo.

A ironia do Destino, por vezes paradoxal embora harmonica nas suas determinações, fez aqui sentar-se antes de mim, Olavo Guerra, o grande amigo de Silva Jardim e seu mais feroz adversario politico.

Olavo Guerra pertenceu ao grupo que sustentou de armas na mão o governo do Sr. Portella contra a revolta chefiada por Silva Jardim. Sua cabeça andou a premio. Cahiu com seu amigo. Submeteu-se ao infortunio.

E nisso, ha mais um grande traço de semelhança com Silva Jardim. — Muito lhe foi offerecido. Nada acceitou. Cargos publicos burocraticos, postos no magisterio — nada quiz. Manteve-se sempre o batalhador independente.

Olavo Guerra nasceu em Nictheroy em 29 de Julho de 1869. Ha quem lhe attribua grande parte na campanha abolicionista.

As datas destroem facilmente essa affirmação. Nascido em 1869 tinha 19 annos incompletos quando foi assignado o decreto de 13 de Maio. Não é idade de muita acção!...

Geralmente se attribue a todo republicano do tempo da proclamação papel saliente em ambos os episodios: abolição e republica. Nilo Peçanha, talvez por vaidade masculina, não gostava muito que se lhe attribuisse actividade de abolicionista.

Se insistiam, desconversava. Era uma affirmação comprometedora de idade...

Olavo Guerra cedo começou a collaborar em jornaes, no "Diario de Noticias" e no "O Paiz". Trabalhador, esforçado, tinha excellentes dotes oratorios, movimentos de tribuna realmente felizes.

A vida de jornal faz consumir-se anonymamente uma producção intellectual formidavel! As chronicas de Olavo Guerra, leves, graciosas, cheias de talento, perdem-se nesse anonymato.

E, entretanto, formariam, reunidas, largos e apreciaveis volumes.

O mesmo se diria de seus sonetos e poemas.

De um delles "Desenganos" — pode-se deduzir a mesma concepção fatalista da vida que arrancara de Silva Jardim esta exclamação:

"Vae, peregrino! Segue teu caminho atraz da Vida! Segue teu Destino, que todos o têm! Olha: — a trajectoria da existencia está de antemão idealmente traçada por leis eternas e naturaes, mas que jámais o homem conhecerá!"

E' a mesma idéa geral conductora do pensamento de Olavo Guerra no seu soneto:

> Não sendo a terra a Terra prometida
> o ser humano sempre em vão tacteia,
> quando das cousas, desde o grão de areia
> louco investiga o ponto da partida.
>
> Não percas tempo, que a razão da vida
> de Deus na força do poder se esteia.
> Se desvendal-a teu saber anseia
> corres atraz de uma illusão perdida.
>
> Por mais que a gente neste mundo faça,
> seguindo a rota que o Destino traça,
> bem pouco faz no decorrer dos annos;
>
> As novas gerações irão passando,
> como a presente, o fardo carregando
> das desventuras e dos desenganos.

A ultima phase de sua vida foi banhada de espiritualismo.

Quando lhe pediram uma autobiographia, elle a traçou com a treminologia corrente entre os espiritas:

"Encarnei em provação neste recanto de luta ao alvorecer do dia 29 de Julho de 1869 e delle sahirei quando sobre mim baixar a Misericordia Divina. Eis minha biographia. Feito em carinho e amor, á semelhança de Deus, pelos meus crimes vim para o cadastro da expiação afim de transfigurado, voltar á patria da luz, donde emanei. Eis o meu retrato de hontem e de hoje."

Bondoso, popular, jovial, Olavo Guerra era um dos mais enthusiasticos membros desta Academia. Estimulava-o este ideal, para o qual vimos todos collaborando, de dar vida autonoma material, politica, intellectual e moral ao Estado do Rio.

Esta Academia é uma das expressões desse anseio. Olavo Guerra fez-se de seus fundadores e de seus mais devotados trabalhadores.

Assim, as circumstancias inexplicaveis da Vida trouxeram-me até aqui a substituir quem ainda ha pouco tempo me cobria com a bondade de seus elogios numa sessão publica da Associação Commercial de Nictheroy.

Sentando-me em sua cadeira, divisei um nome que sempre me impressionou, desde a infancia: o de Silva Jardim.

E o dever de estudal-o perante vós, só se me tornou penoso pelo pesar de vos ter roubado tanto tempo de attenção!

Silva Jardim e Olavo Guerra — dois dentre os que formaram essa phalange dos que prégaram e amaram a Republica!

E' sob a invocação de seus nomes que eu posso nesta hora proclamar a minha profunda e inabalavel confiança no regime!

Nenhuma nostalgia do Passado! Segurança no Presente! Confiança no Futuro! Para que o Brasil fosse grande, foi preciso fazer delle uma grande Republica!

Sobre uma grande Terra, semearam os propagandistas um ideal fecundo, cujos fructos vão vindo e se multiplicarão ao infinito, pelo trabalho constante de seus filhos, pela emulação sadia do regime democratico, pela livre expansão da intelligencia, de que esta casa é um symbolo!"

Mauricio de Medeiros.